

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Programa de mestrado em Ciências Sociais

Mestranda: Erika Paula dos Santos

e-mail: uerikapaula@yahoo.com.br contato: (11) 98487-0605

Orientadora: Andréa Claudia Miguel Marques Barbosa

Coorientação: Alexandre Pereira

Pesquisa: Festa no céu, conflito na terra: um estudo das práticas de turmas de “baloeiros” na cidade de São Paulo.

Resumo

Em material produzido por baloeiros, há uma tentativa de se contrapor à legislação que proíbe a prática desses indivíduos e demonstrar a sua importância histórica. Desse modo, o material denominado “*Cartilha do balão*”, conta que em torno do século XII os balões eram soltos na China como símbolo de reverência aos mortos ou para homenagear os imperadores. Posteriormente foi introduzido na Itália pela família do famoso mercador Marco Polo, que em uma viagem à China havia conhecido o balão e a partir daí, aos poucos, foi se inserindo nos países europeus.¹ No Brasil, essa prática, trazida pelos colonizadores portugueses, foi incorporada ao cotidiano no século XVI e se firmou na tradição das festas juninas.

Os festejos juninos tiveram seus primeiros registros como prática pagã ainda na antiguidade clássica. Naquele período, essas festas eram consideradas como parte dos rituais que marcavam a passagem para o verão. Na Idade Média, a festa foi cristianizada e a igreja católica deu-lhe como padroeiros: Santo Antônio, São João e São Pedro. Os rituais ligados ao fogo como balões, fogueiras e fogos eram realizados com a finalidade de afugentar os demônios (Campos, 2007).

No Brasil, a princípio, essas festas costumavam ser realizadas pelas famílias mais tradicionais dos bairros de cidades rurais, sua preparação demorava meses e contava com a colaboração de muitas pessoas. Atualmente, brincadeiras como “paus-de-

¹ PINTO, Humberto. “*Cartilha do Balão: Balão a arte do Povo*”. Disponível em <http://www.planetabalao.com/cartilha/cartilha.htm>. Acesso em 15 maio de 2012.

sebo”, o casamento caipira, e até mesmo o próprio balão foram excluídos dessas festas, que hoje, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, são confinadas quase que exclusivamente aos colégios e igrejas. A explicação para essas mudanças está no crescimento urbano, que impede a permanência de aspectos considerados incompatíveis com a vida moderna urbana, como acender fogueiras, soltar fogos e balões (CARNEIRO,1986), para isso basta pensarmos na organização espacial no contexto urbano, no qual casas e grandes prédios se aglomeram em pequenos espaços, o que aumenta a possibilidade dessas brincadeiras e festejos relacionados ao fogo causar acidentes.

O que antigamente eram artefatos simples, confeccionados em casa, ou muitas vezes comprados prontos, na atualidade são objetos de construção muito complexa: seu tamanho pode chegar até mais de 100 metros, com formatos e decorações bastante elaborados. Assim, o que antes podia ser feito individualmente passou a ser um trabalho que exige uma equipe. A atividade estendeu-se a diversos grupos como: família, amigos e vizinhos dando surgimento a um determinado tipo de associação de grupo: as chamadas *turmas* formadas por indivíduos interessados em confeccionar e soltar balões.

Com as mudanças desses festejos juninos tradicionais já mencionados, o balão, que era um dos elementos destas festas acabou por ganhar novos significados. É possível observar que com as transformações relacionadas a urbanização das grandes cidades, o balão transformou-se em uma prática de lazer² e de entretenimento, o que abriu espaço para considerar a prática como parte da vida cotidiana das pessoas, e não mais como prática extra cotidiana ligada a festa, sendo o momento descontraído da rotina semanal dos seus praticantes.

O que antigamente eram artefatos simples, confeccionados em casa, ou muitas vezes comprados prontos, na atualidade são objetos de construção muito complexa: seu tamanho pode chegar até 50 metros, com formatos e decorações bastante elaborados. Assim, o que antes podia ser feito individualmente passou a ser um trabalho que exige uma equipe. A atividade estendeu-se a diversos grupos como: família, amigos e vizinhos dando surgimento a um determinado tipo de associação de grupo: as chamadas *turmas* (CARNEIRO, 1986) formadas por indivíduos interessados em confeccionar e soltar balões.

² José Guilherme Magnani define lazer da seguinte maneira: “atividade marginal, instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar enfim de algum prazer – mas talvez por isso mesmo possa oferecer um ângulo inesperado para a compreensão de sua visão de mundo: é lá que os trabalhadores podem falar e ouvir a sua própria língua” (2003:30).

Os baloeiros consideram o balão como um momento de descontração, de diversão e prazer, que envolve um trabalho sem vínculo material³. Hoje, independente de uma data específica, esses balões podem ser vistos no céu. Durante todo o ano o balão está presente no cotidiano de bairros periféricos de cidades brasileiras como São Paulo, sobre a justificativa dos baloeiros de que este artefato pertencente a nossa cultura.

Marshall Sahlins (1997) propõe que a cultura se relaciona com a organização da experiência e das ações humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas se manifestam com valores e significados. A ordenação do mundo em termos simbólicos, que o autor classifica como cultura, é a capacidade singular da espécie humana. Essa consideração se aproxima da justificativa e defesa que os baloeiros fazem do balão como uma prática cultural, pois em torno dele existe um mundo todo ordenado repleto de significados e valores simbólicos próprios.

Na história do Brasil o balão foi por muito tempo associado às festas juninas, o que fez com que a maioria dos baloeiros considere esse artefato como uma prática cultural atrelada a cultura popular. Várias são as discussões em torno da definição deste conceito. Na maioria das considerações acerca desse assunto, a cultura popular é pressuposta como algo substantivo, reificado e imutável no tempo a despeito das mudanças que ocorrem na sociedade, ou, que o processo de transformação sofrido por ela seria uma caminhada para um “desaparecimento”.

No entanto, como sugere Antonio Augusto Arantes (2006) a cultura é um processo dinâmico suscetível a transformações, é possível preservar alguns aspectos e características, mas não é possível evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos. Segundo o autor, embora haja uma preocupação com a “tradição” e o “passado”, é impossível não agregar novos significados e conotações ao que é reconstituído, isso é impossível porque a própria reconstituição é parte da história da cultura e da arte. Para Arantes (2006) qualquer modalidade de arte aparece como algo que possibilita identificar em uma sociedade aspectos de sua organização, esse seria para autor o sentido mais profundo da dita “cultura popular”.

Nos anos de 1980 essa prática teve grande crescimento. Havia muitas competições e até havia quem colecionasse fotos dos balões que eram trocadas e ambicionadas pelos admiradores da prática⁴. Com a intensificação da prática houve um

³ Informação obtida em entrevista informal com alguns integrantes de turmas de baloeiros da zona oeste de São Paulo em maio/2012.

⁴ Informação obtida em conversa informal com baloeiros e simpatizantes da prática.

crescimento significativo no número de tragédias associadas à queda de balão⁵, o que ocasionou um grande debate público e a criação, em 1998, do Artigo 42 da Lei 9.605 de crimes ambientais, que passou a considerar o ato de fabricar, vender, transportar ou soltar balões como ilegal devido à possibilidade de provocar incêndios em florestas, demais formas de vegetação, em áreas urbanas ou qualquer tipo de assentamento humano.

Segundo o SNEA (Sindicato das Empresas Aéreas) as turmas de baloeiros soltam no Brasil em média 100 mil balões anualmente. Existem cerca de mil turmas na Grande SP e outras mil no Rio de Janeiro, cada uma com aproximadamente 25 integrantes. As duas cidades são responsáveis por 60% do total de balões soltos por esses grupos⁶.

Uma forma de rearticulação da prática em resposta ao Artigo 42 da Lei 9.605, criada em fevereiro de 1998, foi a rápida criação da SAB (Sociedade amiga do balão) em maio do mesmo ano, que surgiu, como eles alegam, “com o propósito de lutar pela arte, pelo folclore e pela cultura do povo brasileiro, e em particular, pela descriminalização e regulamentação do balão” (PINTO, 2012).

O fato dos baloeiros agirem na ilegalidade permite classificarmos como um grupo formado por indivíduos considerados “outsiders”, que segundo a definição de Howard S. Becker (2008), são aqueles que se desviam de regras que foram estabelecidas por um determinado grupo ou sociedade.

Mas, muitos dos indivíduos que compõem os grupos de baloeiros não se consideram infratores da lei, criminosos. Para estes o balão é prática cultural, uma forma de entretenimento que se baseia em valores sociais, tais como: trabalho, confraternização e solidariedade.

A consideração de um ato como desviante ou não, depende de como outras pessoas vão reagir a ele (BECKER, 2008). O fato de uma pessoa ter infringido uma regra não significa que outras pessoas reagiriam como se isso tivesse acontecido. Muitos consideram o balão como algo bonito e que não prejudica a sociedade, apesar de não soltarem balão e de saber que esse é um ato sujeito à pena da lei.

Neste cenário de conflito, alguns baloeiros aderiram a uma medida que possibilita que saiam dessa categoria de *outsiders*. A medida encontrada foi a soltura do

5

Informações obtidas em <http://www.bombeirosemergencia.com.br/soltarbalao.html>. Acesso em 06/12/2013.

⁶ Informação obtida em <http://zonaderisco.blogspot.com.br/2013/06/com-aproximidade-do-inverno-e-das.html>. Acesso em 06/12/2013.

balão sem fogo. Esta iniciativa permite que eles pratiquem o balão dentro do que a lei permite, pois proibi-se por lei apenas a soltura de balões que possam causar incêndios. Com essa medida, hoje são realizados festivais dos chamados balões ecológicos que reúnem centenas de turmas de várias regiões do país.



Festival de Balões Ecológicos União AP- 2011 realizado em Mogi das Cruzes- SP. Autora: Erika Paula dos Santos.

Por um lado temos o crescimento das turmas e da prática do balão apoiados no argumento da prática como arte e tradição da cultura popular, por outro, temos o crescimento do combate oficial à prática e sua ilegalidade apoiada no argumento dos danos materiais e ambientais que a atividade provoca. Partindo desse cenário de conflito, o objetivo dessa pesquisa é realizar uma etnografia da prática hoje: como se estabelece como prática coletiva, como são organizadas as turmas, sua dinâmica interna, e como constroem a argumentação em torno da legitimidade da prática e lidam com a posição de outsiders e com o debate público em torno da ilegalidade.

Bibliografia

ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMPOS, Judas Tadeu. *Festas juninas nas escolas: Lições de preconceitos*. Campinas: *Educ. Soc.*, vol. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. *Balão no céu, alegria na terra: estudo sobre as representação social dos baloeiros*. Rio de Janeiro: FUNART- Instituto Nacional do Folclore, 1986.

PINTO, Humberto. “*Cartilha do Balão: Balão a arte do Povo*”. Disponível em <http://www.planetabalao.com/cartilha/cartilha.htm>. Acesso em 15 de maio de 2012.

SAHLINS, Marshal. *O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção*. *Mana* 3/1 e 3/2, 1997.